



## Os EUA na Era Trump: Impactos para o Mundo

A Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EESP-FGV), o Centro de Estudos de Comércio Internacional e Investimento (CCGI) e a Cátedra OMC, com apoio do *Brazilian International Trade Scholars (ABCI)* convidam para palestra “Os EUA na Era Trump: Impactos para o Mundo”, em que serão debatidos os impactos das políticas de comércio dos EUA, o fechamento do ciclo de oito anos de Barak Obama e as mudanças e desafios de uma nova agenda para o Comércio Internacional com a posse de Donald Trump.

A palestra ocorre no dia 10 de fevereiro de 2017, no Auditório da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas, situado à R. Itapeva, 474, 6º andar, das 9h às 13h.

### Palestrantes:

**Celso Lafer** é Professor Emérito do Instituto de Relações Internacionais da USP. Foi Presidente da FAPESP, Professor Titular do Departamento de Filosofia Jurídica e Teoria Jurídica da Faculdade de Direito da USP. Possui mestrado e doutorado em Ciência Política pela Universidade de Cornell (EUA). Foi Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. De 1995 a 1998, Celso Lafer foi Embaixador e Chefe da Missão Permanente do Brasil junto à ONU e à OMC. Foi Presidente do Conselho Geral e Presidente do Órgão de Resolução de Litígios.

**Aluisio Lima-Campos** é professor adjunto da Washington School of Law na American University. Presidente do Brazilian International Trade Scholars Institute - ABCI, e consultor econômico da Embaixada do Brasil em Washington. Faz parte da lista indicativa de painelistas da OMC, como especialista em defesa comercial.

**Rubens Antonio Barbosa** é embaixador, presidente do IRICE – Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior e do Conselho Superior de Comércio Exterior da FIESP. Foi Embaixador do Brasil em Londres de 1994 a 1999 e em Washington de 1999 a 2004, além de ter ocupado diversos cargos no Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Foi presidente da Associação dos Países Produtores de Café (APPC).

**Carlos A. Primo Braga** é atualmente Professor Associado da Fundação Dom Cabral, Diretor da Ouchy Consultoria Empresarial e Professor Visitante do IMD, Suíça. Entre 2012 e 2015, foi professor de Economia Política Internacional no IMD e Diretor do Evian Group@IMD. Em carreira no Banco Mundial, de 1991 a 2012, foi representante Especial e Diretor para a Europa, Relações Externas no Banco Mundial. Possui doutorado em economia pela University of Illinois at Urbana-Champaign e mestrado em economia pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

**Gustavo Vettori** é professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), professor do Mestrado Profissional e do Programa de Pós Graduação Lato Sensu da FGV DIREITO SP e Professor da FIPECAFI. É doutor em direito tributário pela Faculdade de Direito da USP, e mestre (LL.M.) em direito tributário internacional pela University of Michigan Law School (EUA).

## Exposição FGV "Os EUA na Era Trump: Impactos para o Mundo"

10/02/2017

- CELSO LAFER -

Raymond Aron em Paz e Guerra entre as Nações dedicou-se a esclarecer os níveis de compreensão que o campo das relações internacionais oferece. Aponta que não cabe uma analogia nem com o futebol nem com a economia. O futebol tem regras, juiz e o preciso objetivo de dois times de ganhar a partida, que é travada no interior de um campo delimitado com um número fixo de participantes. A economia é obviamente muito mais complexa do que o futebol em função da multiplicidade de variáveis que devem ser levadas em conta no âmbito do seu campo de conhecimento. Caracteriza-se, no entanto, pela existência de um problema claro, a escassez e dedica-se à busca de soluções que transitam pela escolha dos modos possíveis de utilizar com eficiência e equidade os recursos existentes. Nos dois casos, aponta Aron, não obstante a variedade das táticas e das estratégias existe clareza quanto aos objetivos. Não é o que se verifica no campo das relações internacionais cujos objetivos não são unívocos. É o que me

parece relevante destacar para analisar o que significa para o mundo a ascensão de Trump a presidência dos Estados Unidos.

Existem evidentemente certos fatores básicos que condicionam a condução da política externa de qualquer país, que se desdobra sobre a sombra da paz e da guerra, cabendo lembrar que esta, como aponta Aron, é um camaleão que assume sempre novas formas. Entre estes fatores básicos estão o espaço e a localização geográfica; o número, ou seja, a demografia; os recursos num sentido amplo; a pluralidade das identidades nacionais e a diversidade dos regimes políticos. O que caracteriza o campo das relações internacionais é que estes os fatores não são sempre mobilizados por um objetivo único e podem favorecer ora mais ora menos, dependendo da conjuntura interna e externa, a segurança, o desenvolvimento, o bem-estar, o prestígio, a afirmação de ideias.

A mudança de objetivos da política externa é compreensível quando se verifica uma transformação significativa da dinâmica de funcionamento do sistema internacional. É o que ocorreu por exemplo com o fim da União Soviética e da Guerra-Fria que exigiu reposicionamentos das políticas externas de todos os países. No caso dos EUA o ajuste dos objetivos, naquela conjuntura, foi conduzido com destreza pelo

primeiro presidente Bush. A alteração de objetivos pode resultar de mudanças importantes de política interna. Em nosso país a passagem do Império para a República promoveu uma americanização da política externa. No caso dos EUA, que são uma grande potência, uma alteração significativa de objetivos tem repercussão geral.

Todas as grandes potências têm ambições universais, como já dizia Campanella. Por isso, como afirmaram em conjunto na Conferência de Paz de Paris de 1919 tem não apenas interesses específicos, mas interesses gerais no funcionamento do mundo. Daí a pergunta qual é o impacto para o mundo do interesse específico do excludente "America First" que norteou com sucesso eleitoral interno a eleição de Trump? É sem dúvida, na maneira em que foi formulada e vem sendo implementada uma mudança nos objetivos da política externa norte-americana. Coloca-se explicitamente não só como uma ruptura em relação à presidência Obama. É também um confronto com os componentes de continuidade da política externa dos EUA desde o término da segunda guerra mundial e com a institucionalidade da ordem mundial que ajudaram a moldar.

Toda quebra contundente de continuidade como a almejada por Trump provoca incertezas e induz reações que vão se inserir num mundo

instável, de polaridades indefinidas, permeado pela geografia das paixões e alimentado pelas forças centrífugas dos múltiplos particularismos presentes na vida internacional.

As pessoas e o seu modo de ser, ainda mais no exercício de cargos de grande responsabilidade, tem o seu papel na conformação dos acontecimentos. Trump conduziu a sua campanha eleitoral na forma de um bullying destituído de civilidade. Foi bem-sucedido ao granjear o apoio dos descontentes e o seu mal-estar. A sua postura na campanha em relação ao mundo também se caracterizou por um bullying. Basta lembrar o ofensivo porrete do tratamento dado ao México no caso da construção de um Muro na fronteira. Bullying parece ser uma característica da sua personalidade e do sucesso, inclusive empresarial, que até agora permeou a sua trajetória. O vitorioso não muda o seu método de agir e cada um de nós tem a estratégia de sua personalidade. O bullying será assim a maneira pela qual exercerá a sua presidência com as naturais reações conflitivas que provoca entre grandes e pequenos.

É neste contexto que se coloca uma primeira pergunta: as instituições norte-americanas e a sociedade norte-americana vão apurar esta postura? As reações dos movimentos sociais, das empresas de alta

tecnologia, do partido democrático, ao bullying dos decretos presidenciais sobre vistos e refugiados já estão no âmbito do judiciário, indicando que a sua gestão será conflitiva.

Trump é um ponto fora da curva da tradição política norte-americana recente que sempre levou em conta preservar, e não corroer, um centro dinâmico vital, aglutinador da esperança da liberdade e da abundância econômica. Este centro, dependendo das conjunturas, ora se inclinou mais para a direita, como foi o caso da presidência Regan, ora mais para a esquerda, como foi o agregador "yes we can" da presidência Obama, mas um cuidado com a sua preservação sempre esteve presente nos cálculos políticos. O notável discurso de despedida de Obama é uma expressão desta visão aglutinadora de longo prazo.

O discurso de posse de Trump é uma inequívoca expressão de uma proposta de ruptura. A tradição política norte-americana explica os elementos de continuidade de uma política externa que vem assegurando com ajustes às conjunturas e as mudanças de poder, a persistência de um espaço de primazia dos Estados Unidos no mundo, numa mescla própria do uso da força militar, do recurso ao poderio econômico-comercial e do "soft-power" de persuasão e da atração. É esta mescla que o bullying de Trump no plano externo quer colocar em

questão. Daí uma segunda pergunta: as complexidades do mundo vão conter a proposta de bullying da política externa de Trump, que ora se inicia, ou vão exasperar com um excludente America First, as tensões e conflitos hoje existentes na vida internacional dada a importância dos EUA no campo econômico e estratégico militar?

Nunca é demais lembrar que os gestos e as palavras integram a ação diplomática e que as palavras possuem, para evocar Cecilia Meirelles uma "estranha potência" que pode ser a do "sonho" e da "audácia", mas também a de carregar "calúnia, fúria e derrota".

Na minha avaliação o bullying da política externa de Trump, se não for aparado pela razoabilidade será um redutor da confiança internacional, um intensificador de tensões difusas e vai dilapidar o capital simbólico dos EUA. No campo econômico-comercial tende a estimular as guerras comerciais e o protecionismo e por via de consequência a xenofobia e a autarquia, além de colocar em questão instâncias de regionalismo econômico (p. ex. NAFTA) e comprometer ainda mais o sistema multilateral do comércio (OMC). No campo do meio-ambiente, que é um tema global de grande envergadura pode se traduzir num recuo do difícil consenso de redução de emissões, alcançado na Conferência do Clima de Paris de 2015. No campo estratégico militar pode afetar

equilíbrios delicados se vier a minar a OTAN; o mesmo ocorrendo na Ásia se Trump recuar nos compromissos de segurança com o Japão e a Coreia do Sul, instigando a nuclearização militar da região. No Oriente Médio, um voltar atrás, sem base, no acordo com o Irã, contribuirá para agravar os intensos conflitos da região e aumentar o número de estados falidos ou em estágio pré-falimentar. Provocar a China e não lidar com seu crescente poderio levará a impasses e não a soluções.

O despreço em relação à Europa comunitária e o apoio ao Brexit ajudarão a minar uma das grandes construções de integração que trouxe paz, democracia e desenvolvimento para uma região historicamente conflitiva, e favorecerá as já significativas tendências autoritárias e antidemocráticas na Europa. Desconsiderar a ONU é colocar em questão a importância da demanda de ação multilateral que uma instância institucional, de abrangência universal de interposição e intermediação dos Estados busca, ainda que imperfeitamente, prover.

A postura ofensiva do "big-stick" em relação ao México alcançará nos seus desdobramentos a América Central e contribuirá para um surto de anti-americanismo na região. Um recuo na normalização da relação entre os EUA e Cuba é um passo atrás no equacionamento promovido por Obama de uma das pendências remanescentes da Guerra-Fria.

Finalmente, para não alongar esta listagem, o fechamento arbitrário e discriminatório das fronteiras não só não irá conter o terrorismo, mas é uma visão caolha. Quer deliberadamente ocultar a relevância do grande tema global da imensa massa de refugiados, que são os deslocados do mundo que se viram arendtianamente expulsos da trindade estado-povo-território.



# A Política Comercial de Trump

Aluisio de Lima Campos

Presidente, ABCI Institute ([www.abciinstitute.org](http://www.abciinstitute.org))

Professor Adjunto, American University



## O Discurso

- Every decision on trade, on taxes, on immigration, on foreign affairs will be made to benefit American workers and American families. We must protect our borders from the ravages of other countries making our products, stealing our companies and destroying our jobs...
- Protection will lead to great prosperity and strength...
- We will bring back our jobs...
- We will follow two simple rules; buy American and hire American.



# A Equipe

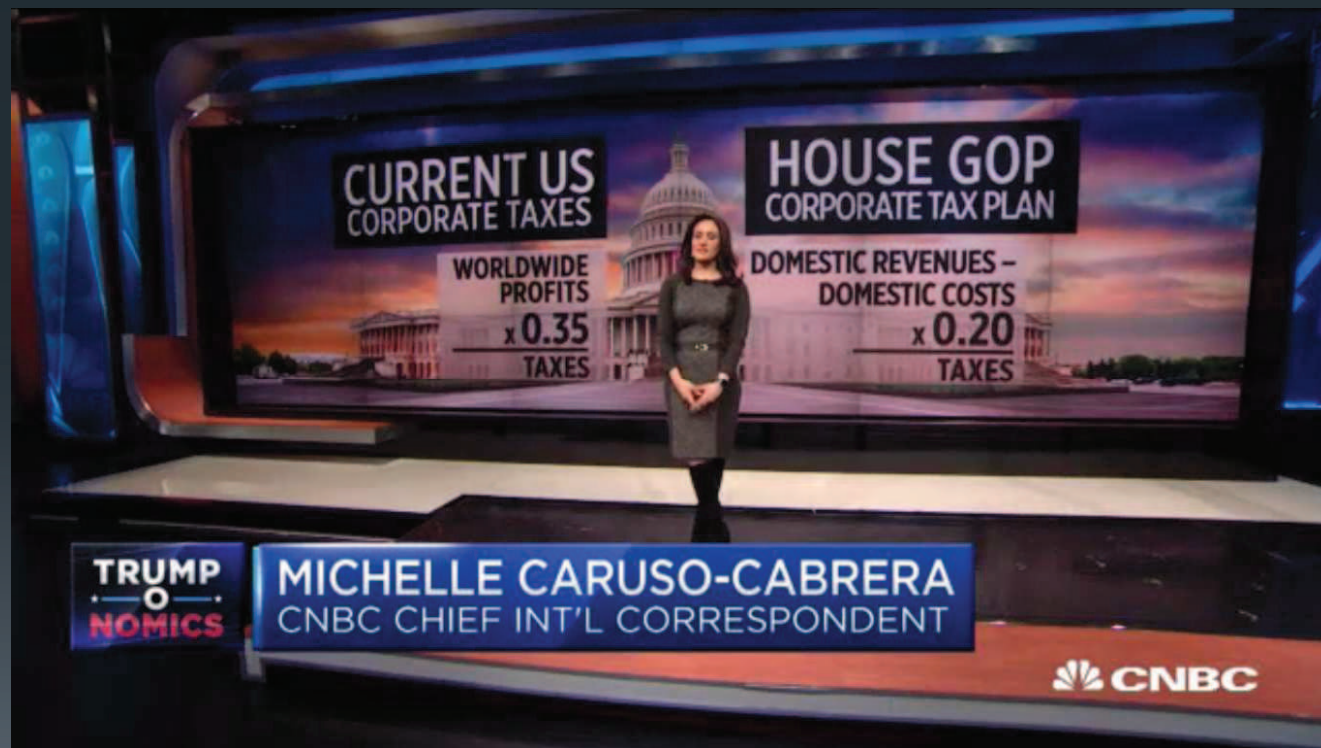
- Secretário de Comércio: Wibur Ross, milionário investidor ligado às indústrias do aço e do carvão;
- Lider do National Trade Council: Peter Navarro, PhD em Economia de Harvard, professor da Universidade da California, autor do livro e documentário “Death by China”;
- U.S.T.R.: Robert Lighthizer, como advogado representou a indústria siderúrgica local em casos de defesa comercial. Como USTR Alternos nos anos 80 negociou os VRAs do aço.
- Secretário do Tesouro: Steven Mnuchin, financista de sucesso e ex-banqueiro, responsável pelas finanças da campanha de Trump.



# O Programa

- Renegociar ou denunciar acordos regionais de comércio.
- Perseguir acordos bilaterais
  - Clausula ou medida contra manipulação cambial
  - Clausula de denuncia de 30 dias
- “Buy American”
  - Obras de infraestrutura (US\$150 bi a US\$1 tri em 10 anos)
  - Oleodutos
- Desincentivar Outsourcing e Pagar o Muro
  - “Border Adjustment Tax” (BAT) ou “Punitive Border Tax”
- Proteger indústria (defesa comercial, VRAs?)

# BAT - versão simplificada





# Value Added Tax (VAT)

- É aplicada sobre produtos vendidos domesticamente e devolvida na exportação.
- Se os EUA exporta um automóvel de \$20.000 para a Alemanha a VAT alemã de 20% será acrescida => preço de venda na Alemanha = \$24.000
- Se a Alemanha vende um automóvel de \$20.000 domesticamente seu preço será acrescido da VAT = \$24.000
- Se a Alemanha exporta esse automóvel para os EUA, o produtor recebe devolução da VAT  $(20.000/1.2) = \$16.667$
- Como não há VAT nos EUA, o automóvel alemão entra a um preço inferior ao americano. O BAT reduz/anula essa vantagem.



# Perspectiva

- BAT => probabilidade alta de aprovação pelo Congresso
- Imposto punitivo => probabilidade baixa
- Preferência por acordos bilaterais => probabilidade alta
- Benefícios e oportunidades para o Brasil
  - Renegociação do NAFTA
  - Denúncia do TPP
  - Acordo com os EUA
- Preocupações
  - Buy American
  - Defesa comercial

# EUA – Formulação da Política Comercial

## Influência dos atores

Actor	Under Obama	Under Trump
Executivo	3	1
Legislativo	2	2
Setor Privado	1	1.5
Interesse Público	4	3



OBRIGADO!

# **Os EUA na Era Trump:**

## **Qual é a estratégia com relação ao comércio internacional**

**EESP-FGV, CCGI, ABCI**

**São Paulo**

**10/02/2017**

**Carlos Alberto Primo Braga**

**Pofessor Associado, FDC**

# Comércio internacional

Fonte: WTO (2016)

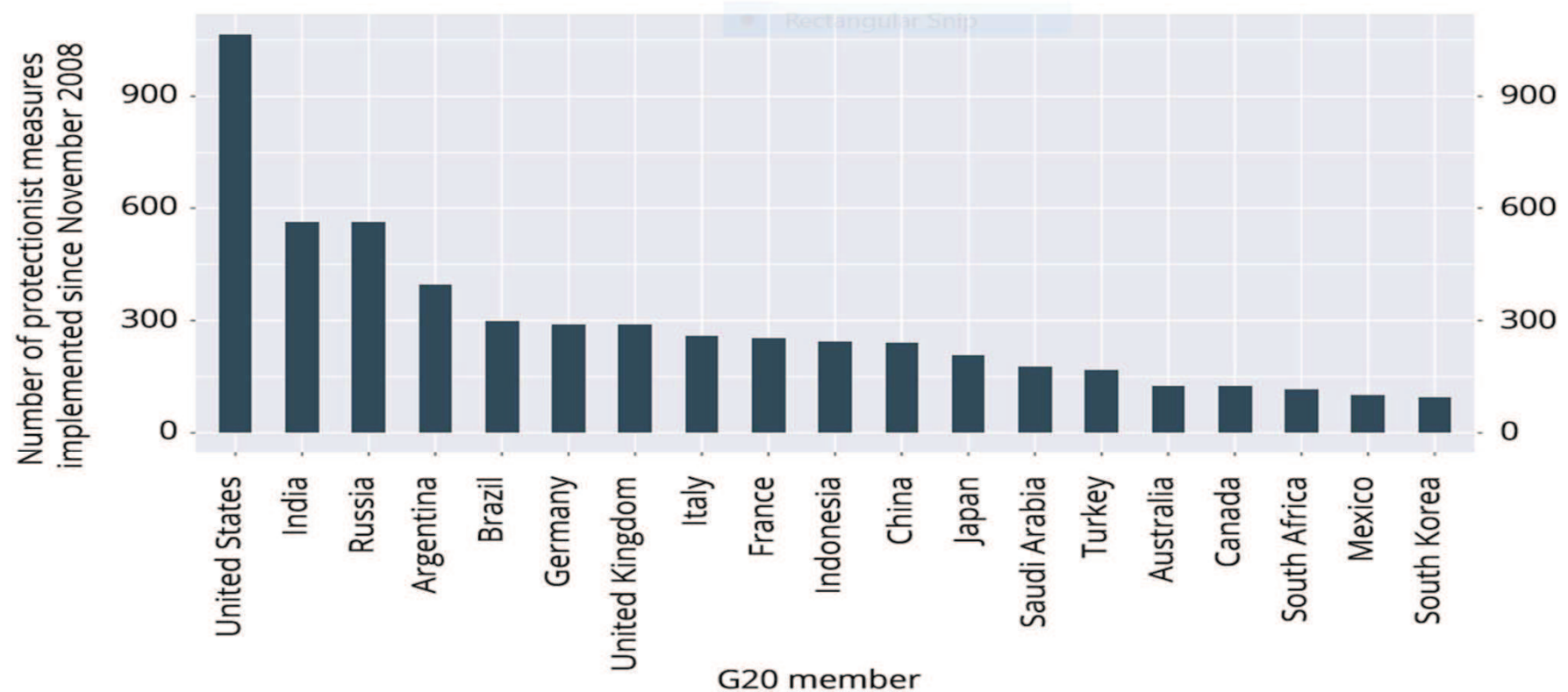
## A6. Leading exporters and importers in world merchandise trade, 2015 (Billion dollars and percentage)

Rank	Exporters	Value	Share	Annual percentage change	Rank	Importers	Value	Share	Annual percentage change
1	China	2275	13.8	-3	1	United States	2308	13.8	-4
2	United States	1505	9.1	-7	2	China	1682	10.1	-14
3	Germany	1329	8.1	-11	3	Germany	1050	6.3	-13
4	Japan	625	3.8	-9	4	Japan	648	3.9	-20
5	Netherlands	567	3.4	-16	5	United Kingdom	626	3.7	-9
6	Korea, Republic of	527	3.2	-8	6	France	573	3.4	-15
7	Hong Kong, China	511	3.1	-3	7	Hong Kong, China	559	3.3	-7
	domestic exports	13	0.1	-16		retained imports	134	0.8	-11
	re-exports	498	3.0	-2					
8	France	506	3.1	-13	8	Netherlands	506	3.0	-14
9	United Kingdom	460	2.8	-9	9	Korea, Republic of	436	2.6	-17
10	Italy	459	2.8	-13	10	Canada a	436	2.6	-9
11	Canada	408	2.5	-14	11	Italy	409	2.4	-14
12	Belgium	398	2.4	-16	12	Mexico	405	2.4	-2
13	Mexico	381	2.3	-4	13	India	392	2.3	-15
14	Singapore	351	2.1	-14	14	Belgium	375	2.2	-17
	domestic exports	174	1.1	-20					
	re-exports	177	1.1	-9					
15	Russian Federation	340	2.1	-32	15	Spain	309	1.8	-14
16	Switzerland	290	1.8	-7	16	Singapore	297	1.8	-19
						retained imports	120	0.7	-30
17	Chinese Taipei	285	1.7	-11	17	Switzerland	252	1.5	-9
18	Spain	282	1.7	-13	18	Chinese Taipei	238	1.4	-16
19	India	267	1.6	-17	19	United Arab Emirates b	230	1.4	-8
20	United Arab Emirates b	265	1.6	-29	20	Australia	208	1.2	-12
21	Thailand	214	1.3	-6	21	Turkey	207	1.2	-14
22	Saudi Arabia, Kingdom of b	202	1.2	-41	22	Thailand	203	1.2	-11
23	Malaysia	200	1.2	-15	23	Russian Federation a	194	1.2	-37
24	Poland	198	1.2	-10	24	Poland	193	1.2	-14
25	Brazil	191	1.2	-15	25	Brazil	179	1.1	-25

# Protecionismo: os principais atores no contexto do G20

Fonte: GTA (2016)

A ranking of G20 members according to the total number of protectionist measures implemented since the first G20 Leaders' Summit in November 2008.



# A administração Trump

- Candidato vs. Presidente;
- Eleito com uma plataforma populista (retórica anti-elitista; ênfase em crescimento econômico e redistribuição de renda, descaso com relação a implicações inflacionárias e desequilíbrio fiscal; tendências protecionistas e desconfiança com relação a organizações multilaterais...) com traços de xenofobia (a ameaça do radicalismo islâmico...);
- Discurso inaugural: “America First”; “Buy American Hire American”...
- “America First” (ecos de Charles Lindbergh, 1941, American First Committee) – isolacionismo (Lindbergh) vs. unilateralismo (Trump: engajamento internacional em termos definidos pelos EUA);
- Ações iniciais parecem confirmar a agenda populista.

# A agenda de comércio internacional: 7 pontos para reconstruir a economia americana lutando por “livre-comércio”

Fonte: Lippoldt (2017)

1. Withdraw from the Trans-Pacific Partnership, which has not yet been ratified.
2. Appoint tough and smart trade negotiators to fight on behalf of American workers.
3. Direct the Secretary of Commerce to identify every violation of trade agreements a foreign country is currently using to harm our workers, and also direct all appropriate agencies to use every tool under American and international law to end these abuses.
4. Tell NAFTA partners that we intend to immediately renegotiate the terms of that agreement to get a better deal for our workers. If they don't agree to a renegotiation, we will submit notice that the US intends to withdraw from the deal. Eliminate Mexico's one-side backdoor tariff through the VAT and end sweatshops in Mexico that undercut US workers.
5. Instruct the Treasury Secretary to label China a currency manipulator.
6. Instruct the US Trade Representative to bring trade cases against China, both in this country and at the WTO. China's unfair subsidy behavior is prohibited by the terms of its entrance to the WTO.
7. Use every lawful presidential power to remedy trade disputes if China does not stop its illegal activities, including its theft of American trade secrets - including the application of tariffs consistent with Section 201 and 301 of the Trade Act of 1974 and Section 232 of the Trade Expansion Act of 1962.

Source: Donald J. Trump for President, Inc., campaign web site, 11 January 2017 at: <https://www.donaldjtrump.com/policies/trade>; further details are elaborated in the Trump Campaign document, “Declaring American Economic Independence”, available here: [https://assets.donaldjtrump.com/DJT\\_DeclaringAmericanEconomicIndependence](https://assets.donaldjtrump.com/DJT_DeclaringAmericanEconomicIndependence); and HSBC, [Trump: the global impact](#), 9 November 2016.

## O “time” norte-americano

- Wilbur Ross, Secretary of Commerce (steel executive...; foco em “fair trade”);
- Robert Lighthizer, USTR (lawyer for the steel industry...);
- Peter Navarro, National Trade Council (academic; “Death by China”);
- Steve Bannon, White House Chief Strategist and Senior Counselor (journalist; enlightened capitalism, nationalism, “Judeo-Christian” values...);
- Michael Anton, Senior National Security Council Officer (speechwriter Bush administration; anti-Islam, anti-immigration...)

# TPP: uma “morte” pré-anunciada

- Trump campaign: TPP caracterizada como “the death blow for American manufacturing.” Outros candidatos também adotaram uma visão negativa (Bernie Sanders; Hillary Clinton...);
- Memorando de 23/01/2017 anuncia a decisão dos EUA de se retirar da TPP e iniciar negociações bilaterais “to promote American industry, protect American workers, and raise American wages”;
- De “gold-standard” a “death machine”...
- Perda de impacto econômico (marginal para os EUA, menos de 1% de renda adicional por volta de 2030; significativo para países como o Vietnã e Malásia, cerca de 7 a 8% de renda adicional...);
- Custos de transação (negociações iniciadas em 2008: P4 em 2005...) e credibilidade;
- Perda de influência geopolítica (estratégia Obama de “pivot to Asia” abandonada; influência chinesa: Regional Comprehensive Economic Partnership, RCEP, magnificada);
- Renegociação de TPP menos EUA, improvável...

# US monitoring thresholds: currency manipulators?

Fonte: US Department of Treasury (2016)

- Criteria for bilateral engagement:
  - (1) An economy has a significant trade surplus with the United States if its bilateral trade surplus is larger than \$20 billion (roughly 0.1 percent of U.S. GDP) with the United States last year;
  - (2) An economy has a material current account surplus if its surplus is larger than 3.0 percent of that economy's GDP;
  - (3) An economy has engaged in persistent one-sided intervention in the foreign exchange market if it has conducted *repeated* net purchases of foreign currency that amount to more than 2 percent of its GDP over the year.
- October 2016: China met criteria (1); Japan, Germany, and Korea met criteria (1) and (2); Taiwan and Switzerland met criteria (2) and (3). No country currently meets all 3 criteria that mandates enhanced bilateral engagement.

# Dados para análise de manipulação de FX

Fonte: US Department of Treasury (2016)

**Table 1. Major Foreign Trading Partners Evaluation Criteria**

	Bilateral Goods Deficit (USD Bil., Trailing 4Q) (1)	Current Account			FX Intervention		
		Balance (% of GDP, Trailing 4Q) (2a)	3 Year Change in Balance (% of GDP) (2b)	Balance (USD, Billion; Trailing 4Q) (2c)	Net FX Purchases (% of GDP) (3a)	Net FX Purchases (\$ Bil.) (3b)	Persistent Net FX Purchases? (3c)
China	356.1	2.4	0.0	260.9	-5.1%	-566	No
Germany	71.1	9.1	2.3	312.3	-	-	No
Japan	67.6	3.7	2.6	158.3	0.0%	0	No
Mexico	62.6	-2.9	-0.8	-31.7	-2.2%	-24	No
Korea	30.2	7.9	2.0	107.1	-1.8%	-24	No
Italy	28.3	2.3	1.9	42.5	-	-	No
India	24.0	-0.8	4.2	-16.0	0.3%	5	No
France	18.0	-0.5	0.4	-12.8	-	-	No
Taiwan	13.6	14.8	5.2	75.8	2.5%	13	Yes
Switzerland	12.9	10.0	-1.6	66.2	9.1%	60	Yes
Canada	11.2	-3.4	0.1	-51.1	0.0%	0	No
United Kingdom	-0.3	-5.7	-2.0	-161.2	0.0%	0	No
<b>Memo : Euro Area</b>	<b>130.5</b>	<b>3.2</b>	<b>1.3</b>	<b>380.4</b>	<b>0.0%</b>	<b>0</b>	<b>No</b>

Sources: Haver Analytics; National Authorities; U.S. Bureau of Economic Analysis; and U.S. Department of the Treasury Staff Estimates

# Outras possíveis ações

- NAFTA: foco no México, em vista do desequilíbrio na balança comercial (mais de US\$60 bilhões/ano). Ignorância econômica (poupança e investimento, fatores determinantes...), implicações deletérias para a economia norte-americana (40% das importações do México consistem de componentes produzidos por empresas dos EUA...; 1,1 milhões de empregos Americanos dependem de exportações para o México);
- AD e CVD: os EUA podem aumentar tais ações (que em certos momentos já afetaram 8% das exportações chinesas para os EUA, principalmente aço);
- Limitações multilaterais -- OMC bindings: na média os EUA podem aumentar suas tarifas apenas 1% vs. ameaças de 35%-45%... Alternativa, argumentos de segurança nacional;
- BAT (Border Adjustment Tax): proposta republicana de reforma tributária – em essência para o cálculo do imposto de renda de pessoa jurídica o custo de produtos importados não poderá mais ser deduzido das receitas e as receitas de exportações não serão incluídas nas receitas a serem tributadas (WalMart vs. Boeing). Compatibilidade com regras da OMC (tratamento nacional, proibição de subsídios às exportações,...)???

# O efeito “Trump”

Fonte: Primo Braga (2016c; 2017)

## Cenários alternativos:

- (1) -- Ajustes na margem: EUA fora da TPP; TTIP nati-morta; ajustes no NAFTA (revisões anuais; Seção 201 do Ato de Implementação...); ofensiva legal na OMC (disputas jurídicas...);
- (2) -- (1) + Ações unilaterais: como autorizado pelos Atos de Comércio de 1962 (Seção 232 (b)) e de 1974 (Seções 122 e 301) e declarando a China como uma nação que manipula a sua moeda (Depto. do Tesouro: “bilateral trade surplus larger than \$20 billion; current account surplus larger than 3% of GDP; net purchases of foreign currency greater than 2% of GDP” – na atualidade não qualifica...);
- (3) – Tratamento de choque : (2) + EUA saindo do NAFTA (Capítulo 22) + saindo da OMC + renegociando acordos bilaterais...; “revolução” na arquitetura de governança da economia mundial!

**Conclusão:** aumento de conflitos comerciais é inevitável...; Pax Americana RIP!

“Theory is when you understand everything, but nothing works.  
Practice is when everything works, but nobody understands why.  
At this station, theory and practice are united, so nothing works and nobody understands why.”  
(Source: Fischer, 2011)



# REFERÊNCIAS

- Dadush, U., 2017, “Will America Trigger a Global Trade War?”, Policy Brief, OCP Policy Center.
- Evenett, S., 2016, “Protectionism in the 21<sup>st</sup> Century,” ppt presented at the ITS Program, IMD, processed.
- Fischer, R.W., 2011, “Explaining Dissent on the FOMC Vote for Operation Twist (com referência a Jan Mayen Island, Paul Volcker e Thor’s Hammer),” Dallas, Texas: Federal Reserve Bank of Dallas.
- Global Trade Alert, vários anos.
- Lippoldt, D., 2017, “Trump, trade and jobs,” HSBC Flash Note.
- Primo Braga, C.A. e B. Hoekman, 2016, eds., Future of the Global Trade Order. Florença: EUI e Lausanne: IMD.
- Primo Braga, C.A., 2016a, “A Era da Ansiedade,” Valor Econômico, 29 de agosto.
- Primo Braga, C.A., 2016b, “O “enigma” chinês,” Valor Econômico, 27 de setembro.
- Primo Braga, C.A., 2016c, “Trump, populismo e globalização,” Valor Econômico, 30 de novembro.
- Primo Braga, C.A., 2017, “Turbulência, palavra chave para 2017,” Valor Econômico, 25 de janeiro.
- U.S. Department of Treasury, 2016, “Foreign Exchange Policies of Major Trading Partners of the United States,” October.

# Os EUA na era Trump: questões tributárias e seus impactos

Gustavo G. Vettori

# Origem ou Destino?

Princípio da origem



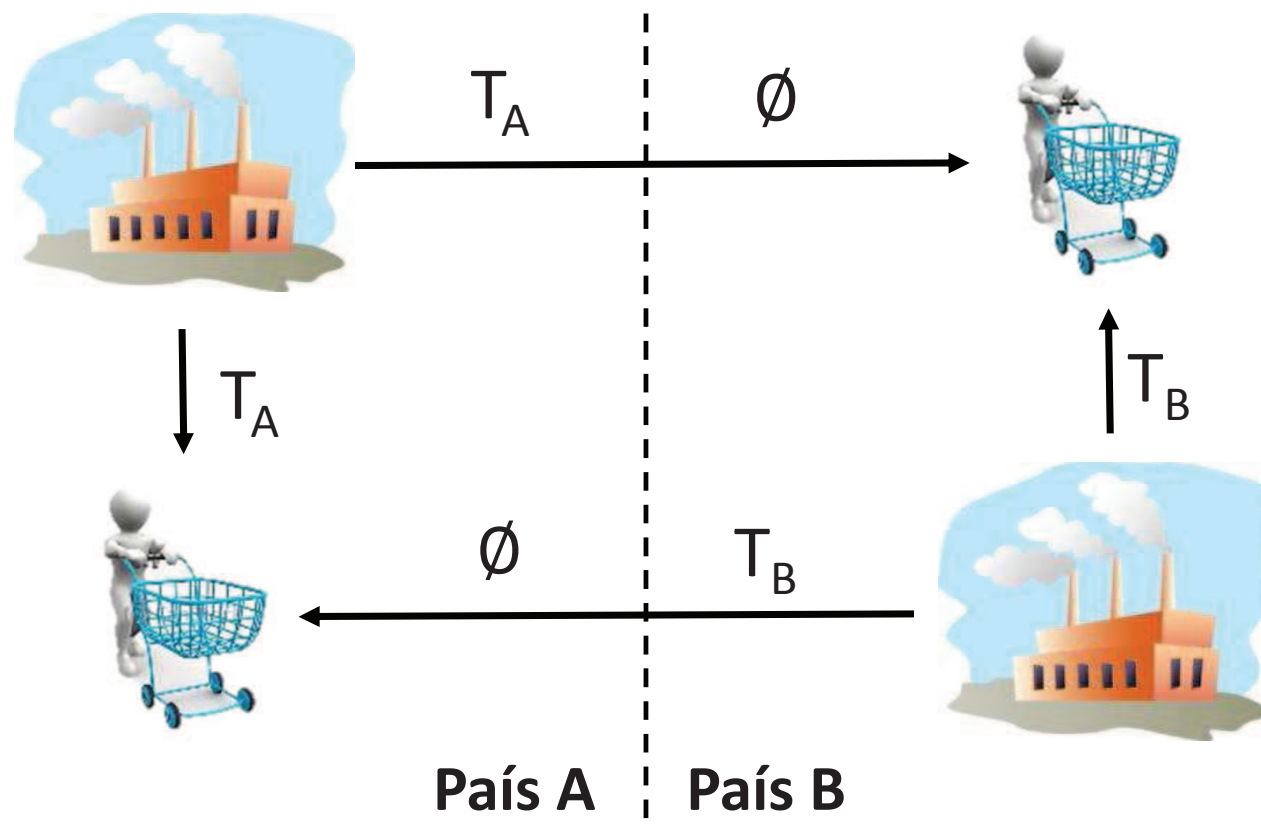
Princípio do destino



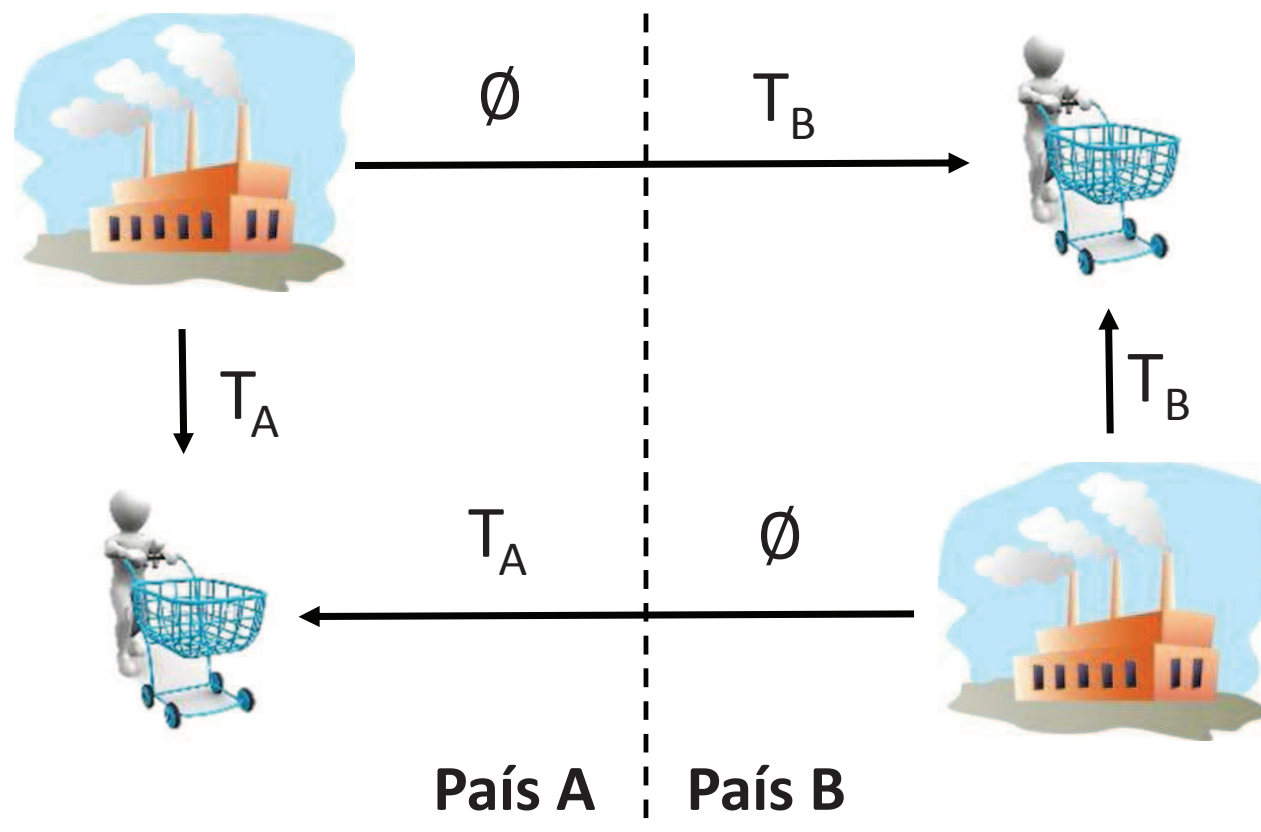
Efeitos relacionados:

- Incentivos à importação e exportação
- “Guerra fiscal”
- Fronteiras tributárias

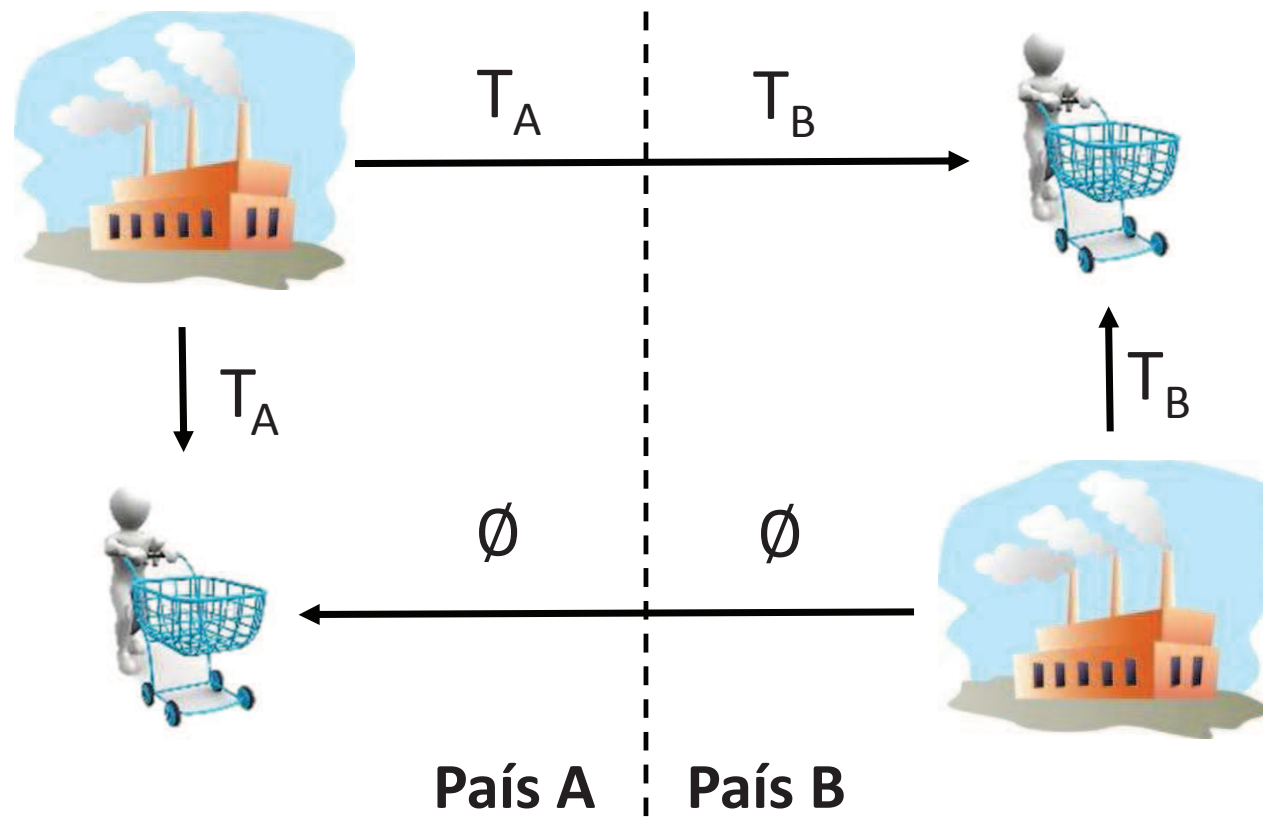
# Princípio da Origem



# Princípio do Destino

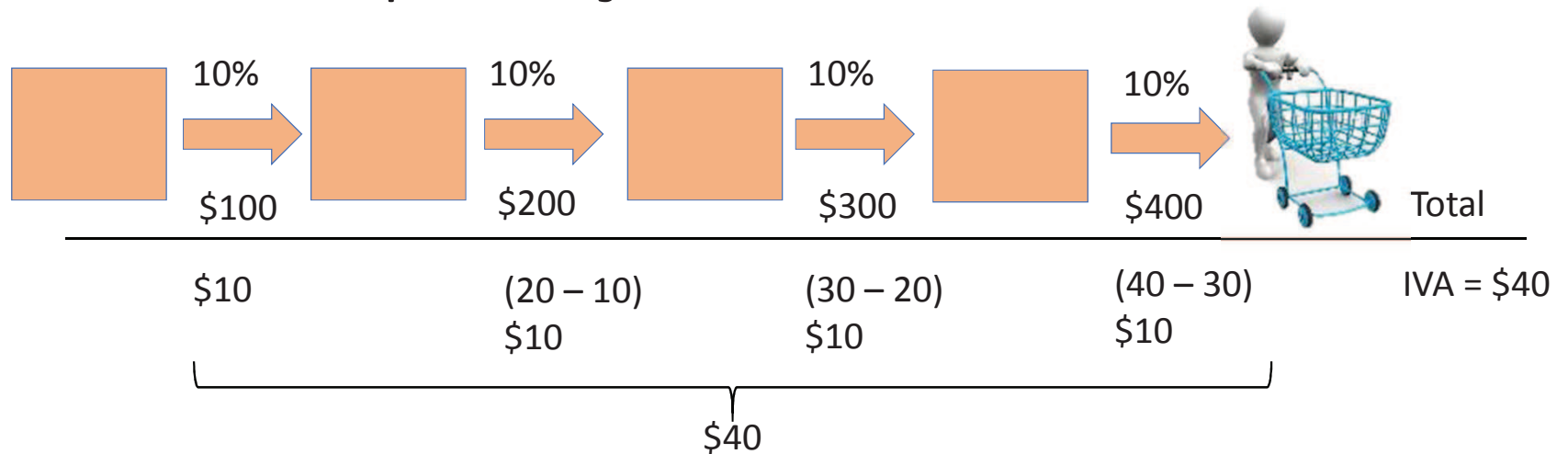


A: Origem; B: Destino

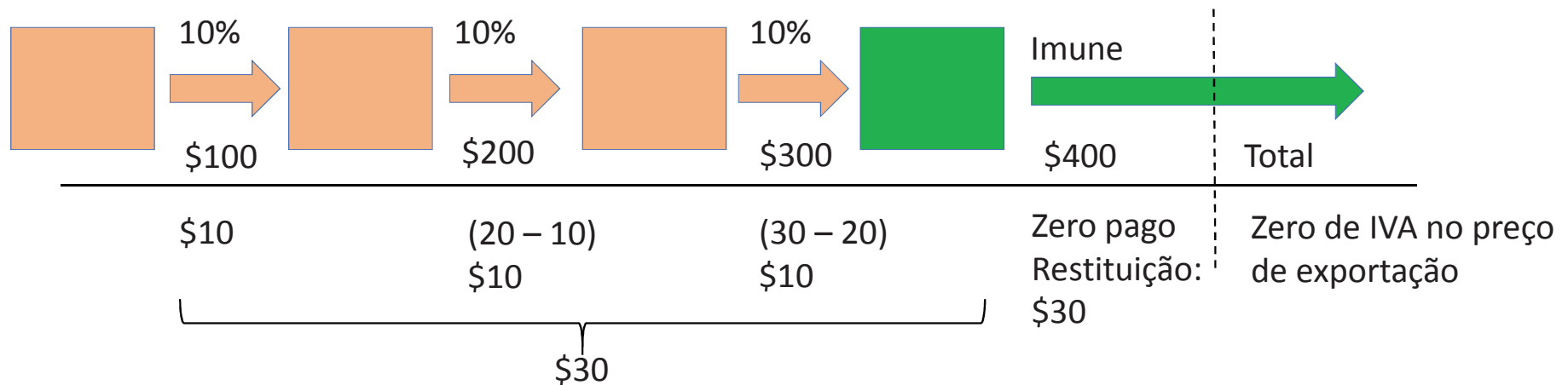


# IVA Destino: exportação

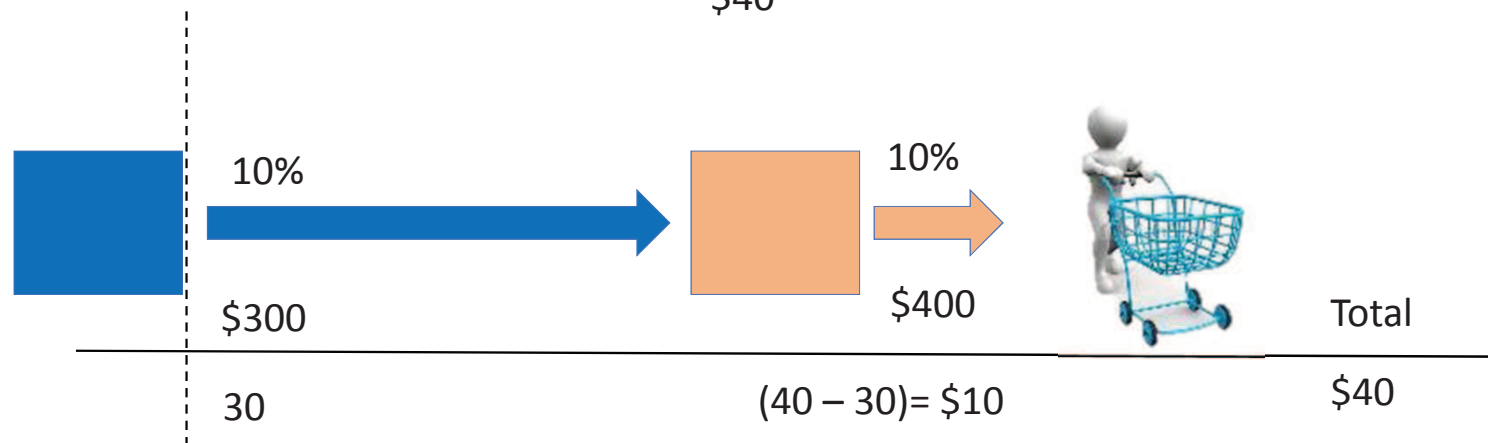
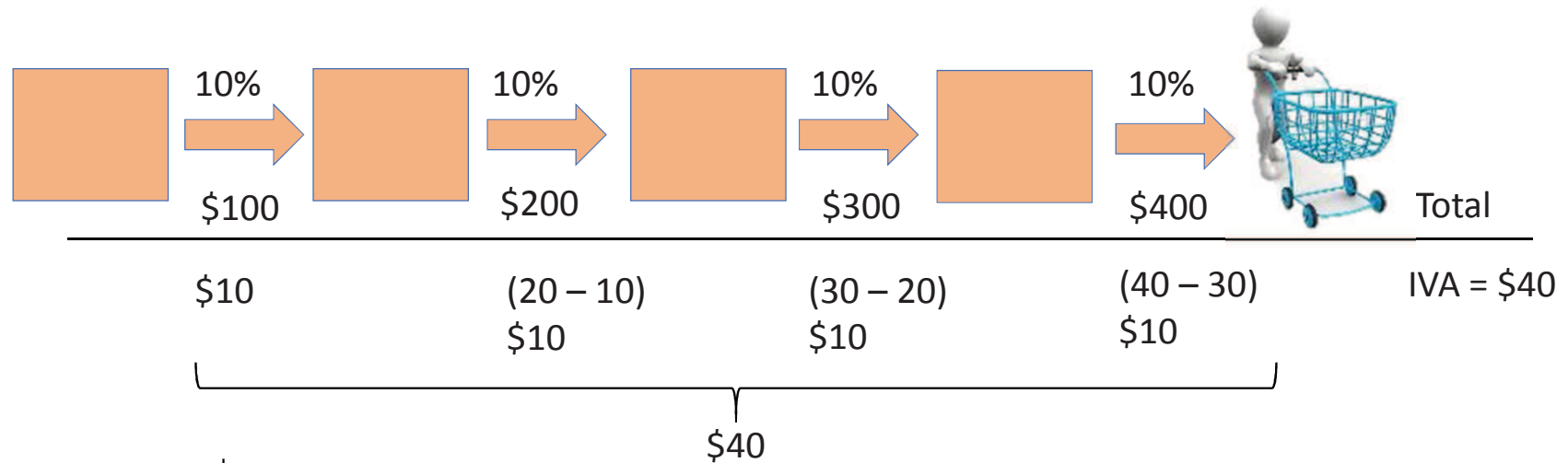
Venda interna



Exportação



# IVA Destino: importação



# Princípio de destino e OMC



- Report by the Working Party on Border Tax Adjustment (BTA) - 1970
- Regras atuais: tratamento nacional (TN) + acordo sobre subsídios (ASMC)
  - A cobrança do BTA na importação é aceite, desde que limitado equalização (TN)
  - Não tributação e restituição nas exportações não é subsídio, desde que se restitua apenas o que efetivamente se recolheu de impostos internos (ASMC)
  - A cobrança do BTA e a restituição se atém aos tributos *indiretos* (TN + ASMC)

# Tributos DIRETOS vs. INDIRETOS: ASMC

- ASMC, Anexo I, nota 58:
  - O termo “**tributos diretos**” significa tributos sobre salários, lucros, juros, aluguéis, royalties e todas as outras formas de rendimento, e tributos sobre a propriedade
  - O termo “**tributos indiretos**” significa tributos sobre vendas, produtos, faturamento, valor agregado, selo, transferências, estoque e equipamentos, tributos de fronteira e outros tributos que não sejam tributos diretos ou tarifas de importação

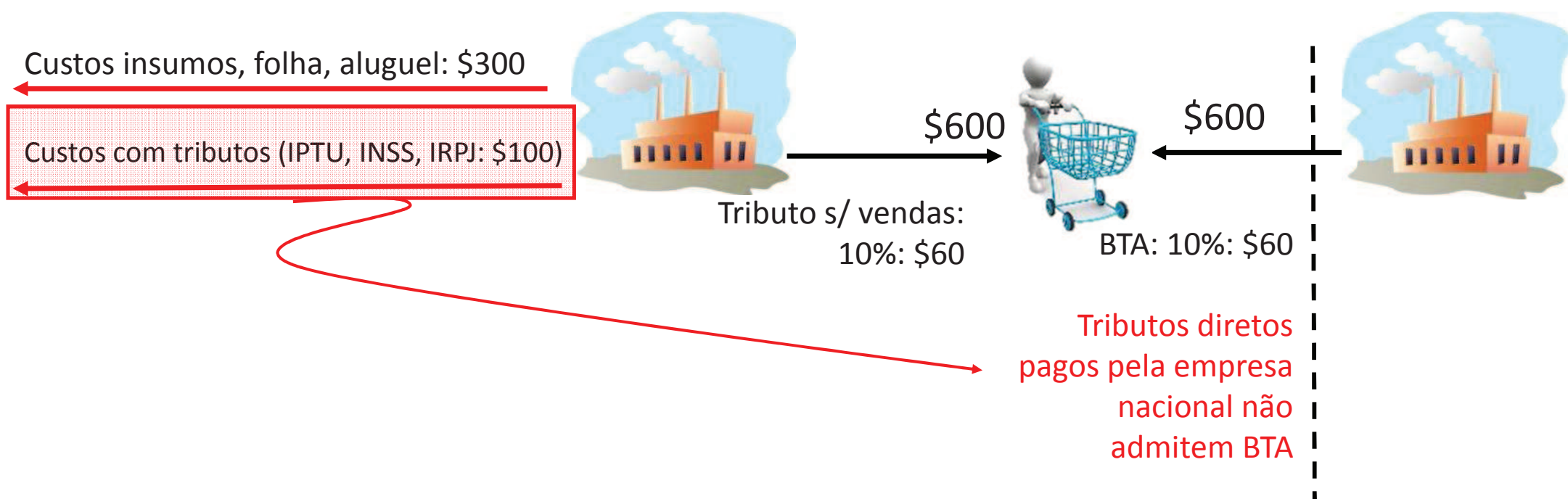
# Princípio do destino e OMC: exportação

- Não se admite BTA para tributos **DIRETOS**; apenas para **INDIRETOS**



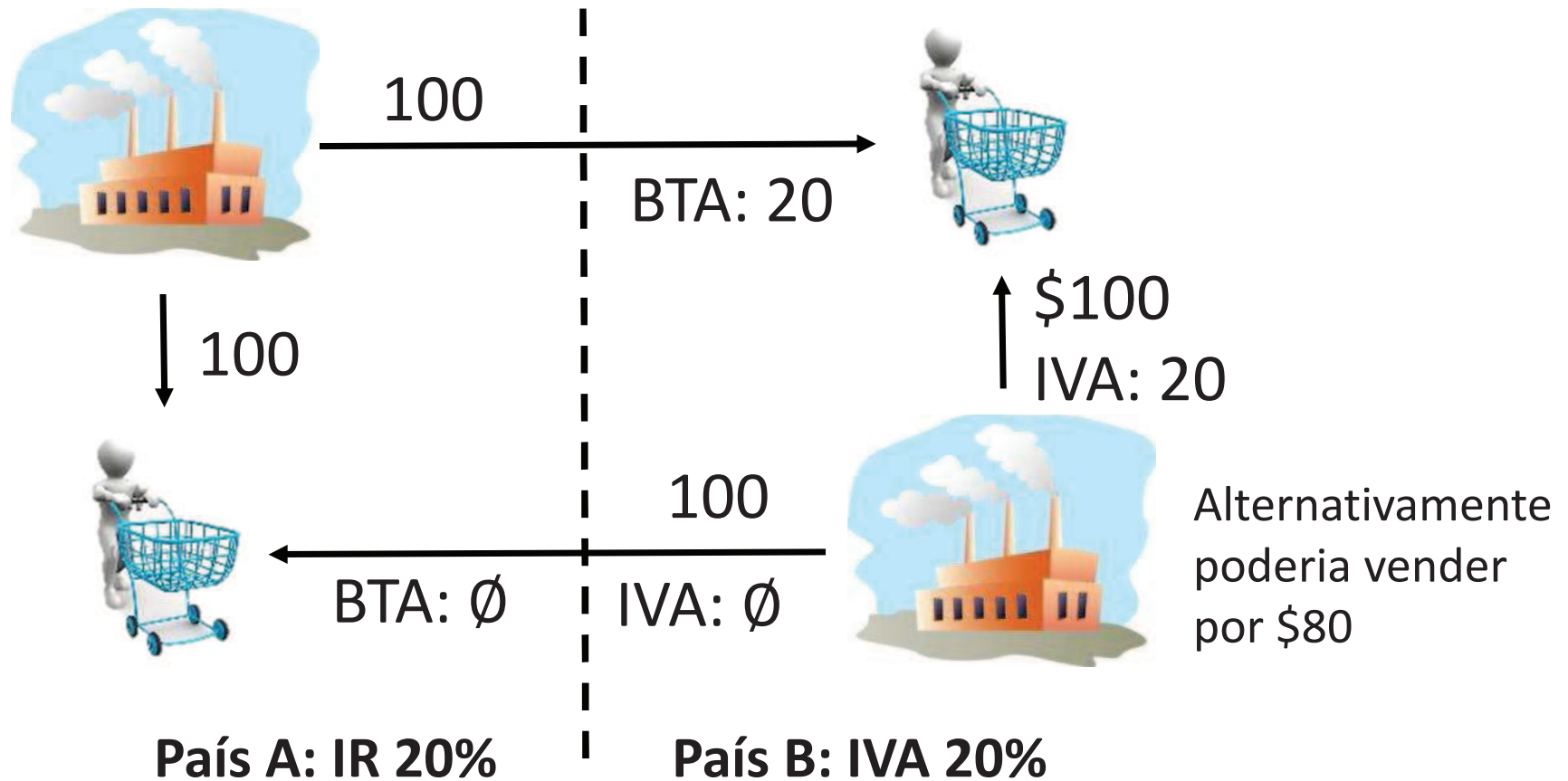
# Princípio do destino e OMC: importação

- Não se admite BTA para tributos **DIRETOS**; apenas para **INDIRETOS**



# Tax mix e BTA

Supondo lucro de 100 em cada operação, empresa em A pagará 20 em cada uma delas

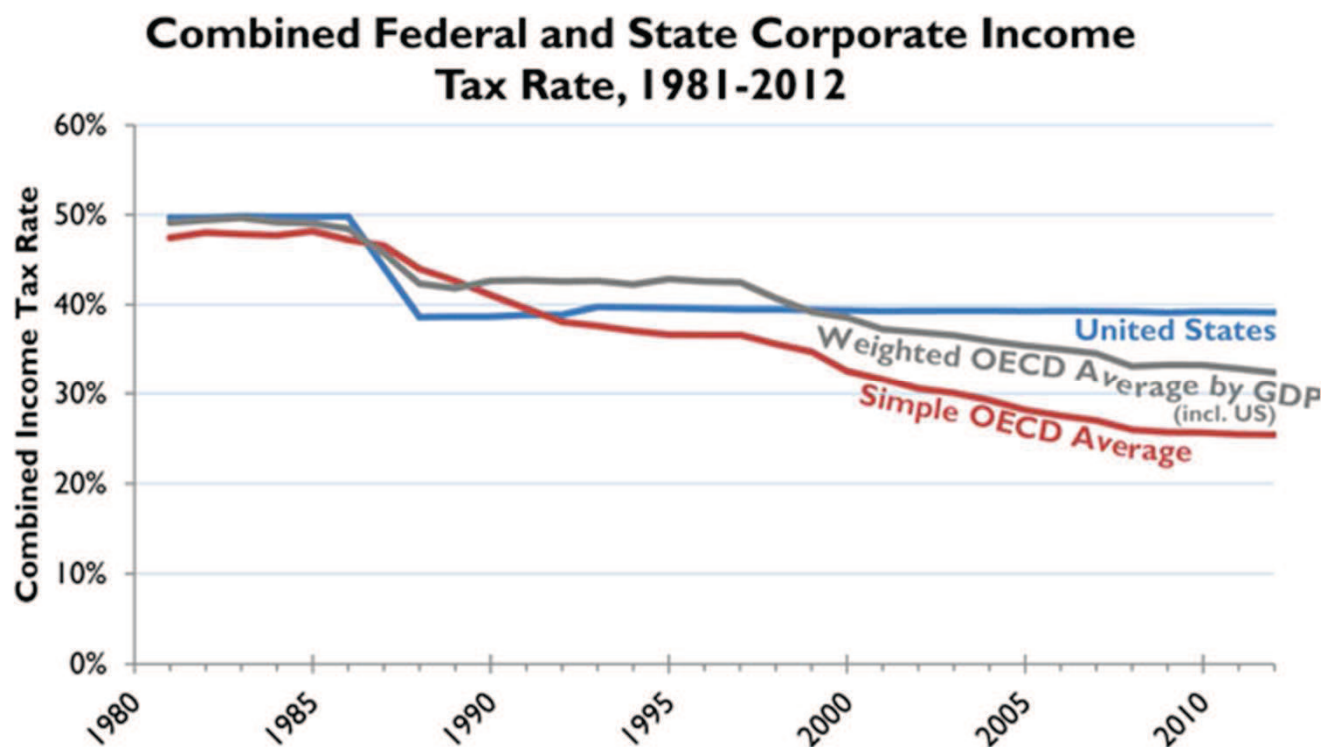


# Problemas atuais do sistema americano

- Tax mix e BTA
  - Praticamente apenas tributos diretos (imposto de renda, payroll tax, propriedade e outros).
  - Tributação federal é inteira baseada em tributos diretos (IR e heranças)
  - O único tributo indireto do sistema americano é o sales tax estadual
  - **Não há BTA nos EUA**: toda carga tributária é baseada em tributos diretos que acabam seguindo a lógica do princípio da origem e não do destino

# Problemas atuais do sistema americano

- Nível de tributação das empresas



Irlanda	12,5
Polônia	19,0
Rep. Tcheca	19,0
Grécia	20,0
Reino Unido	24,0
Coréia	24,2
Holanda	25
MÉDIA OCDE	25,4
Canadá	26,1
Noruega	28,0
Suécia	26,3
Itália	27,5
BRASIL	34,0
EUA	39,1
Japão	39,5

# Problemas atuais do sistema americano

- Tributação dos lucros no exterior
  - Tributação universal vs. Tributação territorial
- EUA
  - Proposta Kennedy: universalidade
  - Contraponto republicano: territorialidade
  - Meio termo: universalidade com diferimento para rendimentos ativos
- Problemas:
  - Incentivo para manter lucro reinvestidos no exterior
  - Competição com empresas europeias que estão em sistemas territoriais
  - Incentivo à operações de inversão (i.e., repatriação de empresas) para Irlanda, Holanda e UK

# Os casos na OMC

## DISC

Regimes territoriais europeus não tributavam renda de exportação: conduta vedada

EUA criou regime semelhante para não tributar tal renda: conduta vedada

## FSC

## ETI

Regimes territoriais europeus não tributavam renda das empresas auferidas no exterior: aceito, pois países europeus faziam isso para TODAS as empresas

EUA criou regime em que não seriam tributados lucros de controladas no exterior pertencentes a empresas primordialmente exportadoras nos EUA: proibido, pois o benefício era vinculado ao desempenho exportador

**EUA nunca admitiram que a Europa: (i) pudesse ter regime territorial e eles não; e (ii) pudesse ter um VAT ajustável na fronteira e eles não**

# Trump tax cuts

- Simplificação
- Redução da carga
- Privilegiar investimentos
- Tornar as empresas e produtos americanos mais competitivos
- Border tax?
- Projetos: Trump Plan (ainda vago) e Blueprint capitaneado por Paul Ryan (House Speaker) e Kevin Brady (Ways and Means Committee Chair)



# Trump Plan e Paul Ryan's House Blueprint

- Individual income tax
  - Redução do número de faixas de alíquotas: 0%, 10%, 20% e 25% (0%, 12%, 25%, 33% no Blueprint)
  - Redução da tributação de rendimentos de capital (dividendos, ganhos de capital, juros etc.)
    - 6%, 12,5% e 16,5%
  - Revogação do imposto sobre heranças. Tributação de ganhos de capital em bens apreciados em mais de USD10mi no momento da morte
  - Alterações nas deduções



# Trump Plan e Paul Ryan's House Blueprint

- Corporate Tax

- Redução de 35% para 15% ou 20%
- Fim da depreciação. Despesas com bens de capital serão deduzida imediatamente: "expensing"
  - Ryan Plan: regra geral
  - Trump:
    - Possibilidade de optar por "expensing", perdendo a dedução de juros
    - Opção é revogável nos 3 primeiros anos e depois se torna irrevogável
- Expensing favorece investimentos e praticamente transforma o IR num IVA



# Trump Plan e Paul Ryan's House Blueprint

- Lucros auferidos no exterior
  - Mudança para regime territorial
  - Eliminar desincentivo para repatriação de lucros represados no exterior
  - Equiparar a tratamento de países europeus
  - Não diz o que fará com planejamentos abusivos nem com o lucro atualmente represado (plano de Trump previu 10% de imposto uma única vez)

# Trump Border Tax?



**Donald J. Trump**   
@realDonaldTrump



Toyota Motor said will build a new plant in Baja, Mexico, to build Corolla cars for U.S. NO WAY! Build plant in U.S. or pay big border tax.

4:14 PM - 5 Jan 2017

  33,034  110,137



**Donald J. Trump**   
@realDonaldTrump



General Motors is sending Mexican made model of Chevy Cruze to U.S. car dealers-tax free across border. Make in U.S.A.or pay big border tax!

10:30 AM - 3 Jan 2017

  19,307  74,578

# Trump Border Tax?



- Tarifas de 35%?
  - Promessa de campanha: tributar a 35% produtos feitos no exterior por empresas americanas e importados para os EUA
  - Tarifas para empresas específicas dificilmente serão aceitas no direito americano
  - Tarifas para países específicos: inimigos em guerra (lei de 1917)
  - Tarifas em geral: OMC
- Border Tax Adjustment?
  - Tem que obedecer o tratamento nacional
  - Só pode ser feito se produtos nacionais forem onerados por igual tributo
  - Só pode ser feito em relação a tributo indireto?

# Paul Ryan Border Tax



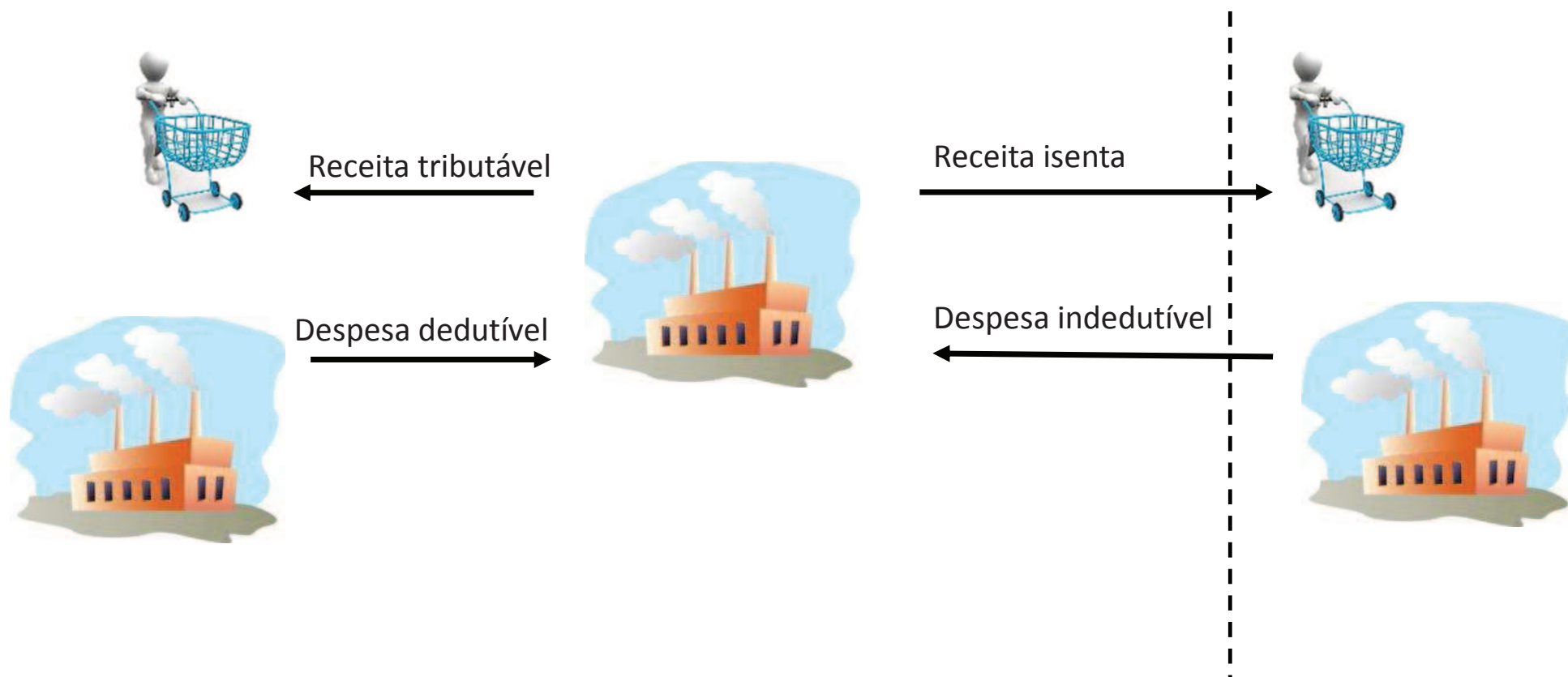
- Border tax é relevante na reforma do IR para resolver o problema do déficit
- Estimativas são de que um IRPJ de 15% sem o BTA geraria um déficit de USD1,4tri em uma década
- Se a alteração fosse para um IR de 20% com BTA de 20%, a receita aumentaria em USD1,1tri numa década; déficit reduzido para 0,3tri

# Paul Ryan Border Tax



- Como o IR proposto no *blueprint* é na verdade um tributo sobre consumo na sistemática *cash flow* (como um IVA), é possível orientá-lo pelo princípio do destino
- Para isso, basta:
  - 1) Impedir a dedução dos custos com quaisquer insumos e produtos importados (como raramente a importação se dá diretamente por pessoas físicas, essa não dedução replica o efeito do BTA)
  - 2) Excluir da base de cálculo do IR as receitas com exportações
- Num IR normal, tais regras seriam consideradas discriminatórias:
  - Item 1) Problemas com o art. 3(b) do ASMC e art. III do GATT
  - Item 2) Problemas com o art. 3(a) e Anexo I(e) do ASMC
- Regras da OMC são mencionadas no *blueprint*. Entendimento é de que, como o tributo se torna um imposto sobre consumo em virtude do *expensing*, o BTA deveria ser aceito.

# Paul Ryan Border Tax



# Efeitos para o resto do mundo



- Redução do IR: “efeito paraíso fiscal”
  - EUA terá alíquota nominal que competirá com UK e Holanda
  - Efeito das regras de *expensing* podem torná-lo mais competitivo até do que a Irlanda
  - Possível aumento da competição fiscal
  - Maior pressão para aumento do IRPF e IVA no resto do mundo
- Tributação territorial
  - Aumento das discussões de preços de transferência
  - Influência sobre demais países
  - Inutilidade de boa parte da discussão do BEPS?
- Expensing e BTAs
  - Possíveis discussões no âmbito da OMC
  - Possíveis reformas no imposto de renda de outros países para adotar *expensing* e BTA
  - Abandono completo da tributação da renda?
  - Inutilidade de boa parte da discussão do BEPS?